

**LUTA DE CLASSES (LEXICAIS): ADJETIVOS VERSUS ADJETIVOS
EM JAPONÊS E SEUS DOGMAS**
*CLASS STRUGGLE: ADJECTIVES VERSUS ADJECTIVES IN JAPANESE
AND THEIR DOGMAS*

*Marcus Tanaka de Lira*¹

RESUMO: Apesar de ser bastante comum dividir o léxico das diferentes línguas, não parece existir uma forma padrão de se fazer isso – várias propostas existem, inclusive dentro de uma mesma linha teórica, determinando o que pertence ou não a uma determinada categoria nas mais diferentes línguas. No caso da língua japonesa, o problema se dá devido ao fato de serem reconhecidas na língua uma ou duas categorias de adjetivo, sem existir um consenso sobre como lidar com a possibilidade de múltiplas categorias de uma mesma classe lexical. Foram analisadas então sete propostas (ANWARD, 2000; BAKER, 2004; CROFT, 2000; DIXON, 2010; GIL, 2000; HASPELMATH, 2010; WIERZBICKA, 2000) para ver o que as propostas tinham em comum que pudesse resolver o problema, e analisadas 59 línguas, junto do japonês, a fim de detectar quais são os tipos de características encontradas nas palavras descritas como “adjetivo” ou encontradas na função atributiva em línguas em que o autor não descreve uma classe de adjetivos. Os adjetivos foram então divididos sintaticamente em 4 grandes grupos (“Adjetivos-V” para adjetivos com características verbais, como ser núcleo de predicados intransitivos; “Adjetivos-N” para adjetivos com características nominais, como ser argumento verbal sem a necessidade de passar por processos de nominalização; “Adjetivos-M” para adjetivos com características mistas, podendo ser tanto núcleo de predicados intransitivos como argumentos verbais sem nominalização; e “Adjetivos-O”, que não possuíam nenhuma dessas características). A maioria das línguas (a língua japonesa entre elas) apresentou Adjetivos-V ou Adjetivos-N. Todas as línguas que apresentaram múltiplas categorias de adjetivo (mais uma vez com a língua japonesa fazendo parte da regra) também apresentaram uma característica de Adjetivo-O. Foram encontradas também correlações entre a ordem dos constituintes de uma língua e o tipo de adjetivo apresentado. Isso parece apontar para a necessidade de quebrar com quatro dogmas das propostas de classes lexicais: independência categórica, independência morfossintática, equivalência categórica e conservadorismo categórico.

Palavras-chave: Adjetivos, tipologia linguística, língua japonesa

ABSTRACT: Although it is quite common to split the lexicon of different language, there does not seem to exist a standard way of going about doing that – several proposals exist, even within the same theoretical framework, determining what belongs or not to a specific category in different languages. As far as the Japanese language is concerned, the problem is that two or more classes of adjectives can be found, without a consensus on how to deal with the existence of multiple categories of the same lexical class. In order to see what all the different ways of dealing with lexical categories have in common, seven different proposals were analysed (ANWARD, 2000; BAKER, 2004; CROFT, 2000; DIXON, 2010; GIL, 2000; HASPELMATH, 2010; WIERZBICKA, 2000) and, in order to solve the problem, Japanese and 59 more languages were analysed, in order to detect what the most common characteristics of adjectival classes are. Adjectives were then divided into 4 great syntactic types (“V-Adjectives” for adjectives with verbal traits, such as being head of an intransitive predicate, “N-Adjectives” for adjectives with nominal traits, such as being argument of a verb not having to undergo a nominalization process; “M-Adjectives” for adjectives with mixed traits, being both argument of a verb and head of an intransitive predicate; and “O-Adjectives”, which don’t share any of these trades aforementioned). Most languages (Japanese among them) displayed either V-Adjectives or N-Adjectives, and all languages with multiple categories had, among them, O-Adjectives. Correlations between constituent order and type of adjective were also found. This seems to mean we may have to jettison four dogmas of proposals of lexical categories: category independence, category equivalence, morphosyntactic independence, and categorical conservatism.

Keywords: Adjectives, linguistic typology, Japanese language

¹ Professor doutor do Curso de Letras – Japonês do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília.

INTRODUÇÃO

É papel da linguística descrever e analisar as línguas naturais, o que traz dois questionamentos imprescindíveis: “Como descrever uma língua, e o que é uma língua?”. Um debate sobre classes lexicais – em língua japonesa ou em qualquer outra língua – que passe por essas duas perguntas corre o risco de definir algo que não traz vantagens explicativas. Tal falha não seria inédita na história da ciência: o flogisto já foi procurado na química (WEISBERG, NEEDHAM e HENDRY, 2011) e o éter na física (HOWARD, 2015), mas hoje nenhuma das duas palavras têm valor explicativo em ciência.

A desistência de se procurar por fenômenos que fossem explicados por essas substâncias, devido a uma forma diferente de descrever o objeto de estudo, abriu novos caminhos na história das pesquisas científicas. Isso porque essas substâncias hoje consideradas obsoletas, comparadas às suas substitutas, não levavam à adequação empírica buscada (sem entrar, portanto, no mérito de se elas existem ou não).

A história das classes lexicais em linguística possui uma série de pressupostos teóricos, os quais nem sempre são debatidos, podendo ser causa de confusões desnecessárias. O debate sobre quais palavras pertencem a quais classes lexicais em quais línguas pode ser uma delas, devido a uma série de pressupostos que precisam ser analisados. Vejamos os pressupostos, separadamente, e possíveis alternativas a eles.

CLASSES LEXICAIS E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

As classes lexicais possuem uma história curiosa. Elas foram idealizadas há mais de 2000 anos, por Dionísio de Trácia no “*Techne Grammatike*” (BAKER, 2004, p. 1) e, nos últimos séculos, passaram por extremos – primeiramente, se achava que todas as línguas tinham um sistema parecido com o da língua latina e universal, e no século passado, surgiram propostas de que cada língua tinha um sistema de classes lexicais próprio (VOGEL e COMRIE, 2000, p. i).

Ainda hoje existem teóricos que aderem a essas ideias como se estivessem num espectro, com universalistas de um lado (BAKER, 2004; DIXON, 2010), particularistas de outro (EVANS e LEVINSON, 2009; HASPELMATH, 2010) e tantos outros no meio, argumentando que se as classes lexicais são protótipos (CROFT, 2000) ou modelos dinâmicos (ANWARD, 2000). Ou seja, de certa forma existe um consenso de que elas existem, mas não se sabe exatamente como.

As diferentes propostas analisadas não possuem todas as mesmas características, apresentando mais uma relação de semelhança familiar, como diria Wittgenstein, do que uma tendência padrão. As propostas analisadas, com um breve resumo e a linha teórica de cada uma, foram as seguintes:

- **Anward** (2000): Ao analisar o léxico de acordo com as propriedades sintáticas, o autor defende que é possível encontrar um número limitado de combinações, podendo levar a uma visão dinâmica de como as classes lexicais se expandem ou restringem. Tipologia funcional.
- **Baker** (2004): Segundo a visão de princípios e parâmetros defendida pelo autor, o léxico das línguas poderia ser dividido em três grupos (“substantivo”, “verbo” e “adjetivo”), com substantivo e verbos manifestando a presença de traços específicos, e adjetivos sendo a “categoria padrão” (a que não tem nenhum traço) – isso faria com que elas compartilhassem características universais. Formalismo gerativo.
- **Croft** (2000): Defende que conceitos como “substantivo”, “verbo” e “adjetivo” se referem a protótipos universais dos quais as classes lexicais das línguas podem se aproximar, podendo elas mesmas serem particulares a cada língua. Tipologia funcional.
- **Dixon** (2010): O conceito de classes lexicais, segundo o autor, é necessário para poder se realizar a descrição de uma língua a partir de critérios internos tantos sintáticos quanto semânticos, com algumas poucas características sendo universais (no caso de substantivos e verbos (DIXON, 2010, p. 39)) e algumas variações em relação às características de adjetivos (podendo ser mais próximas de substantivos ou de verbos, a ambos, ou a nenhum (DIXON, 2010, p. 63)). Tipologia funcional.
- **Gil** (2000): Numa tentativa de escapar o eurocentrismo típico das classes tradicionais, o autor faz uma tipologia dos tipos de sistemas de classes lexicais que uma língua pode ter (desde línguas com uma grande categoria indiferenciada a línguas com mais categorias distintas), tomando como base as características sintáticas apresentadas pelas classes. Formalismo gerativo.
- **Haspelmath** (2010): No lugar de comparar categorias lexicais, que não seriam universais, o autor defende a comparação de características gramaticais de cada uma das classes lexicais comparadas. Tipologia funcional.

- **Wierzbicka (2000):** De acordo com a proposta da autora, os universais podem ser ancorados semanticamente, e daí tomados de acordo com a forma em que a gramática das línguas interagem com as palavras que universalmente pertencem a determinada categoria (como “pessoa” em substantivos (WIERZBICKA, 2000, p. 293)). Tipologia funcional.

Ainda assim, com raras exceções, essas formas de lidar com categorias lexicais tomam como pressupostas as seguintes hipóteses sobre como elas funcionam: independência categórica, independência morfossintática, equivalência categórica e conservadorismo categórico.

Independência categórica: Exceto por Anward (2000), a visão dos outros trabalhos citados é a de que as classes lexicais são independentes uma das outras (e.g. os substantivos não tem relação alguma com os verbos, no sentido em que nenhuma propriedade dos substantivos implica a existência de outra propriedade nos verbos). Verbos, substantivos, adjetivos, e as outras classes lexicais reconhecidas pelos autores (que não são sempre as mesmas) fazem parte de categorias discretas e independentes – ou, pelo menos, protótipos distantes um dos outros.

Anward (2000, p. 6), como mencionado no parágrafo anterior, vai contra a regra, e apresenta o que o autor chama de “Modelo de Amsterdã das Partes da Fala” em que os itens lexicais são diferenciados de acordo com as funções sintáticas às quais eles servem. A diferença prática em relação às outras propostas é que os itens lexicais podem, por sua vez, “acumular funções”, ocupando a função de verbo com uso predicativo e a função de substantivo como argumento. Ou seja, as funções podem combinar, e uma palavra pode ter função substantiva e verbal (sem que ela seja considerada duas palavras).

Independência morfossintática: Assim como há a visão de que as classes lexicais são independentes uma das outras, também é padrão que não se veja correlação entre as características morfossintáticas das línguas e o tipo de classes lexicais que elas apresentam, nem com suas características.

Apesar de se restringir a adjetivos, Dixon (2010, p. 96-99) é o mais próximo de ser uma exceção. No caso, considera-se a possibilidade de línguas com um tipo de marcação morfológica apresentar adjetivos com um conjunto de características, ocorrendo variação dependendo do tipo de marcação encontrada.

Equivalência categórica: Por equivalência categórica, se entende não haver uma categoria superior ou anterior à outra – elas são, para todos os efeitos, hierarquicamente

equivalentes. Ela também é tomada como um pressuposto na maior parte das propostas, com as exceções sendo mais interessantes do que a regra.

Baker (2004), têm uma proposta um pouco diferente. Adjetivos são tomados como uma “categoria padrão”, ou seja, são uma classe que não possui as características específicas que diferenciam substantivos e verbos (a proposta só apresenta três classes lexicais, defendendo que todo léxico pode ser enquadrado nessa classificação tripartida). Entretanto, as categorias não são vistas como uma descendendo da outra, mas sendo todas advindas de um conhecimento inato.

Conservadorismo categórico: Talvez a maior dificuldade seja ir além dos rótulos já utilizados de “Substantivo”, “Verbo” e “Adjetivo”. Gil (2000), graças à abordagem formal utilizada, usa conceitos como S0 e S1 no lugar das classes tradicionais, uma vez que a quantidade de categorias – e suas propriedades – não seriam fixas de acordo de língua para língua.

Nenhuma das quatro ideias acima é radicalmente nova, no sentido de todas estarem presentes, de uma forma ou de outra, em pelo menos uma das propostas anteriores. Mas, a adoção de todas as quatro hipóteses em uma proposta apenas leva a uma maneira extremamente diferente de lidar com as classes lexicais, e que talvez leve a uma classificação que permita comparações interlinguísticas mais confiáveis.

Para explicar o porquê, vejamos quais os problemas de pelo menos duas das classes lexicais da língua japonesa para uma visão tradicional (que siga as quatro hipóteses acima). As categorias serão chamadas aqui de adjetivos verbais e adjetivos nominais, seguindo a comparação de Dixon (2010, p. 94) de que uma classe de adjetivo compartilha de mais características com os verbos (verbo) da língua, e a outra com substantivos (substantivo). Ainda que verbo e substantivo também sejam categorias problemáticas, a problemática relacionada às suas classificações não afeta a utilização desses rótulos.

ADJETIVOS VERBAIS

Os adjetivos verbais apresentam, como o nome diz, características morfossintáticas similares às dos verbos da língua: algumas marcas de TMA, ainda que limitada (não há imperativo, por exemplo); a não necessidade de aparecer com cópula na função predicativa na forma não-polida, divergindo entre si na linguagem polida; e a possibilidade de aparecer na função atributiva sem adição de nenhum morfema ou palavra extra.

Sintaticamente, os adjetivos verbais tendem a ser encontrados em duas posições: Como núcleos de orações intransitivas (na função predicativa) e modificadores de substantivos (na função atributiva), apresentando também as características morfológicas mencionadas no parágrafo anterior.

(1) Udon wa oishi-i
 Udon TOP gostoso-Ñ.PSD
 “Udon é/está gostoso”

(2) Udon wa oishi-katta
 Udon TOP gostoso-PSD
 “O udon estava gostoso”

(3) Oishi-i udon wo tabe-ta
 Gostoso-Ñ.PSD udon ACU comer-PSD
 “Comi udon gostoso”

(4) Oishi-katta udon no koto wo oimoidashi-ta
 Gostoso-PSD udon GEN NMLZ ACU lembrar-PSD
 “Lembrei do udon que era gostoso”

Adjetivos verbais também podem ser usados em construções que denotam comparação de grau, e com palavras que expressam intensidade em geral.

(5) Udon wa sushi yori oishi-i
 Udon TOP sushi ABL gostoso-Ñ.PSD
 “Udon é mais gostoso do que sushi” (lit. “Falando de udon, partindo de sushi, é gostoso”)

(6) Totemo oishi-i
 Mui gostoso-Ñ.PSD
 “Muito gostoso”

Tirando variantes dialetais ou construções arcaicas, verbos e adjetivos verbais compartilham várias características morfossintáticas na polaridade negativa.

Diferente dos substantivos e adjetivos nominais, eles podem receber morfologia de negação – o qual, por si só, comporta como um adjetivo verbal, apresentando as mesmas limitações. Isso leva a uma semelhança no tipo de limitação de vozes que as categorias apresentam.

Adjetivos verbais e verbos na negativa (mas não na afirmativa) apresentam comportamento semelhante em orações transitivas como resultado de ação:

- (7) Oishi-ku su-ru
gostoso-FM² fazer-Ñ.PSD
“Fazer algo (ficar) gostoso”
- (8) Oishi-ku-na-ku su-ru
Gostoso-NEG-FM fazer-Ñ.PSD
“Ficar gostoso” (lit. “tornar gostosamente”)
- (9) Deki-na-ku su-ru
Conseguir-NEG-FM fazer-Ñ.PSD
“Fazer ficar impossível” (lit. “tornar não conseguível”)
- (10) Oishi-ku-na-ku su-ru
Gostoso-FM-NEG-FM fazer-Ñ.PSD
“Fazer algo não (ficar) gostoso”

Mas:

- (11) *Deki-ru su-ru
Conseguir-Ñ.PSD fazer-Ñ.PSD
* Intenção: “Fazer conseguir”

² A fim de evitar o uso de expressões tradicionais como “forma adverbial”, em que a noção de advérbio (e da taxonomia das palavras) tem um contexto histórico mais complexo, por enquanto será usada a glosa “FM” (forma medial), já que essa forma tende a não aparecer na posição final das orações por não exercer função predicativa.

É possível que verbos na voz causativa, que tornaria gramatical o exemplo acima, apareçam com verbos, mas não com adjetivos verbais. Idem para a voz imperativa. Não há construções imperativas que apareçam com verbos na negativa – em orações proibitivas, é usada uma partícula após um verbo na afirmativa.

(12) Ku-ru

Vir-Ñ.PSD(AFIR)

“Vir”

(13) Ku-ru-na

Vir-Ñ.PSD(AFIR)-PROI

“Não vem!”

Os verbos na negativa apresentam propriedades morfossintáticas, portanto, não compartilhadas com verbos em contexto independente da polaridade. No caso de se querer usar uma estratégia similar na afirmativa, se usa um verbo auxiliar, cuja negação não tem o significado da oração (40), em que se faz algo incapaz, mas apenas de que não se faz que algo seja capaz – significados não necessariamente equivalentes.

(14) Deki-sase-ru

Conseguir-CAUS-Ñ.PSD

“Permitir/Fazer conseguir”

(15) Deki-sase-na-i

Conseguir-CAU-NEG-Ñ.PSD

“Não permitir/fazer conseguir”

Mesmo com as marcas de polidez, verbos negativos (mas não na afirmativa) e adjetivos verbais apresentam similaridades em seu comportamento que não seriam compartilhados se não fosse pela questão da polaridade.

Verbos adjetivos só possuem uma forma de receber marcas de polidez – através de uma cópula, invariável, e que só é necessária com esse contexto. Verbos não possuem essa alternativa, a não ser que estejam na negativa.

- (16) Udon wa oishi-i desu
 Udon TOP gostoso-Ñ.PSD COP.POL
 “Udon é gostoso” (dito de forma polida)

- (17) Udon wa oishi-ku-na-i desu
 Udon TOP gostoso-FM-NEG-Ñ.PSD COP.POL
 “Udon não é gostoso” (dito de forma polida)

- (18) Wakara-na-i desu
 Entender-IRR-NEG-Ñ.PSD COP.POL
 “Não entendo” (forma polida)

- (19) *Waka-ru desu
 Entender-Ñ.PSD COP.POL
 “Entendo” (forma polida)

Outro problema na distinção entre verbos e adjetivos verbais é que em algumas propostas, apenas uma das classes (a dos adjetivos) deveria permitir comparação de grau (como Baker (2004, p. 212)). Uma subclasse de verbos compartilha essa característica com adjetivos verbais.

Com verbos potenciais (que denotam habilidades em geral) é possível comparar a capacidade de duas pessoas diferentes, sem uso de palavras como “melhor”, “bom” ou “mais”. Esses verbos potenciais podem ser de dois tipos: Semânticos, no qual possuem um significado potencial sem uso de nenhum morfema, ou morfológicos, em que um verbo não-potencial recebe a morfologia para tanto.

- (20) Kaoru wa Tarou yori eigo ga dekiru
 Kaoru TOP Tarou ALL inglês NOM conseguir-Ñ.PSD
 “Kaoru fala inglês melhor do que Tarou”
 (lit. “Falando da Kaoru, partindo do Tarou, inglês é ‘consequível’”)

- (21) Kaoru wa Tarou yori eigo ga hanas-e-ru
 Kaoru TOP Tarou ALL inglês NOM falar-POT-Ñ.PSD
 “Kaoru fala inglês melhor do que Tarou”
 (lit. “Falando da Kaoru, partindo do Tarou, inglês é ‘falável’”)

- (22) *Kaoru wa Tarou yori eigo wo hanas-u
 Kaoru TOP Tarou ALL inglês NOM falar-Ñ.PSD
 “Kaoru fala inglês melhor do que Tarou”

Se, por um lado, adjetivos verbais se diferenciam dos verbos na afirmativa, a diferença com verbos na negativa se torna mais problemática – não só pelos adjetivos compartilharem características morfológicas com os verbos em geral, mas pelos verbos apresentarem características sintáticas comuns em adjetivos. Isso levou vários linguistas a considerarem verbos na negativa como sendo adjetivos (BACKHOUSE, 2004, p. 52).

Por existirem características que verbos negativo e adjetivos verbais não compartilham, como a possibilidade de terem mais de um argumento, as classes lexicais não serão tomadas como sendo idênticas, mas como parte de um contínuo, como será explicado abaixo.

ADJETIVOS NOMINAIS

Os adjetivos nominais apresentam, como o nome diz, características morfossintáticas similares às dos nomes da língua: ausência de marcas de TMA; a necessidade de aparecer com cópula na função predicativa; e a impossibilidade de aparecer na função atributiva sem adição de nenhum morfema ou palavra extra.

Diferente dos adjetivos verbais, e assim como os substantivos, os adjetivos nominais nunca são núcleo na função predicativa ou na função atributiva, ocupando apenas a posição de complemento de cópula.

- (23) Kirei na hito da
 bonito COP.FM pessoa COP
 “É uma pessoa bonita”

(24) Kirei da-tta hito da
 bonito COP-PSD pessoa COP
 “É uma pessoa que era bonita”

(25) Kirei na hito da-tta
 bonito COP.FM pessoa COP-PSD
 “Era uma pessoa bonita”

(26) Ano hito wa kirei da
 Aquela pessoa TOP bonito COP
 “Aquela pessoa é bonita”

(27) Ano hito wa kirei da-tta
 Aquela pessoa TOP bonito COP-PSD
 “Aquela pessoa era bonita”

Assim como nas duas classes acima, adjetivos nominais ocorrem em construção de grau superlativo e comparativo:

(28) Totemo kirei da
 mui bonito COP
 “É muito bonita”

(29) Kaoru wa Saori yori kirei da
 Kaoru TOP Saori ABL bonito COP
 “Kaoru é mais bonita do que Saori”

Diferente dos substantivos, os adjetivos nominais não podem ser argumentos de um verbo, precisando ser nominalizados para exercer tal função:

(30) Kirei no wo mi-ta
 bonito NMLZ ACU ver-PSD
 “Vi a bonita” (lit.: “Vi a da boniteza”)

Esse comportamento, inclusive, se estende a todas as classes, com exceção dos substantivos:

- (31) Banana wo ka-tta
 banana ACU comprar-PSD
 “Comprei banana”
- (32) Shiro-i no wo ka-tta
 branco-Ñ.PSDNMLZ ACU comprar-PSD
 “Comprei o branco”
- (33) Hashi-ru no ga suki da
 correr-Ñ.PSD NMLZ NOM agradável COP
 “Gosto de correr” (lit. “Correr é agradável”)

Diferente de substantivos, entretanto, adjetivos podem aparecer com comparação de grau e marcadores de intensidade:

- (34) Totemo shizuka da
 muito silencioso COP
 “Está muito silencioso”
- (35) *Totemo shizukesa da
 muito silêncio COP
 Intenção: “Está muito silêncio”

Mas, assim como os substantivos, alguns adjetivos nominais aparecem com uma partícula adnominal na função atributiva:

- (36) Futsuu no hito
 Normal ADN pessoa
 “Pessoa normal”

- (37) Burajiru no hito
 Brasil ADN pessoa
 “Pessoa do Brasil”

Terminamos a comparação com uma situação um pouco complicada:

- **Adjetivos verbais versus verbos:** Apesar de compartilharem várias características morfossintáticas, como a possibilidade de serem núcleo na função predicativa, existe um contínuo entre verbos com menos dessas características compartilhadas (verbos não-potenciais na afirmativa) e verbos com mais (verbos potenciais na negativa). Ainda assim, os tipos de verbos mais parecidos com os adjetivos verbais não compartilham de todas as características, dificultando a correspondência entre as duas classes.
- **Adjetivos verbais versus Adjetivos nominais:** Mais uma vez, apesar de compartilharem muitas características sintáticas, morfologicamente as categorias lexicais são bastante diferentes. Enquanto adjetivos verbais podem ser núcleos de predicados na função predicativa, adjetivos nominais são restritos à posição de complemento de cópula.
- **Adjetivos nominais e substantivos:** Por fim, adjetivos nominais e substantivos têm muitas características morfossintáticas em comum, mas as diferenças também são significativas, como o fato de adjetivos nominais requererem nominalização para aparecerem como argumento de verbo.

É difícil então defender que a classe de adjetivo é homogênea, e que qualquer uma das subclasses na verdade pertença a outra (como substantivos ou verbos) devido à (1) diferença de propriedades morfossintáticas e (2) a não unanimidade sobre como lidar com essas diferenças nas várias propostas analisadas.

TRANSFORMANDO PROBLEMAS EM SOLUÇÕES

A quantidade de características (não) compartilhadas entre as classes lexicais leva ao seguinte problema: ao usar as classes tradicionais, temos poucas informações sobre como as classes são. Essa falta, além de levar a confusões sobre quais são, de fato, as propriedades de cada classe, também leva a dificuldades na hora de fazer tipologia, e podermos compreender como as línguas em geral funcionam.

É necessária uma forma, portanto, de resolver essa tensão entre a necessidade de ter nomenclaturas universais (como “substantivo” e “verbo”) e classes lexicais particulares que não necessariamente apresentam as mesmas propriedades morfossintáticas. Uma solução pode ser abrir mão das independências categóricas e morfossintáticas mencionadas anteriormente, e estabelecer relações entre as classes lexicais e suas propriedades gramaticais a fim de poder fazer uma descrição (e uma comparação) mais apurada.

Para poder resolver esse problema, Ferreira (2016) buscou fazer um levantamento de palavras que apareciam na função atributiva (tipicamente relacionada aos adjetivo) e os chamados “adjetivos” na gramática de 60 línguas, entre elas o japonês. As línguas foram controladas de acordo com origem genética e região.

Seguindo a descrição dos tipos de adjetivo encontrado em Dixon (2010, p. 67), Ferreira (2016, p. 66) dividiu os adjetivos de acordo com as características compartilhadas com ou substantivos ou verbos: Adjetivos-V (de “Verbos” por poderem ser núcleo de predicados intransitivos), Adjetivos-N (de “Nominais”, por poderem ser argumentos verbais sem passar por processos de nominalização), Adjetivos-M (de “Mistos” por possuírem ambas as características de verbos e nominais) e Adjetivos-O (de “zero”).

A divisão fica como a explicada na tabela abaixo:

	Compartilham características com substantivos	Não compartilham características com substantivos
	Adjetivos-M	Adjetivos-V
Compartilham características com verbos	Adjetivos que combinam características tanto de substantivos (ex.: Aparecem num NP com flexão nominal) quanto de verbos (sendo predicados intransitivos com flexão verbal)	Adjetivos que compartilham características com verbos (funcionando como predicados intransitivos, podendo se limitar na função atributiva a aparecer numa oração relativa)

	Adjetivos-N	Adjetivos-O
Não compartilham características com verbos	Adjetivos que compartilham características com substantivos (não podendo, por exemplo, ser um predicado intransitivo, sendo restritos a um NP)	Adjetivos que não compartilham características de verbos e substantivos, não aparecendo nem (somente) em NP, nem como predicado intransitivo, com flexão própria

Essa divisão permite que de forma mais apurada, adjetivos em diferentes línguas sejam comparados de acordo com uma característica específica – sem entrar no mérito da questão de o que todos esses tipos de palavras têm em comum e quais outras propriedades além dessas as palavras apresentam.

No caso da língua japonesa, adjetivos verbais foram considerados Adjetivos-V (por serem núcleo de predicado intransitivo) e adjetivos nominais foram considerados Adjetivos-O (por não poderem ser argumento verbal sem passar por um processo de nominalização nem serem núcleo de predicado)³.

Como já mencionado, Ferreira (2016, p. 212) também comparou então a língua japonesa com outros 59 idiomas a fim de ter uma base para comparações e procurar pelos padrões que correlacione o tipo de adjetivos com pelo menos uma das características sintáticas descritas em todas as línguas: a ordem preferencial dos constituintes.

Dentro das relações encontradas, das poucas vezes que a língua japonesa não se comportou de acordo com a regra, ela apresentou o segundo padrão mais comum.

Um pouco mais de um terço (38%) das línguas de ordem S-O-V como o japonês apresentou Adjetivos-N, e um pouco menos de um terço (31%) é que apresentou Adjetivos-V – a mesma proporção de línguas que apresentou os outros dois tipos de Adjetivo combinados (Adjetivos-O com 22% e Adjetivos-M com 9%). Ou seja, as línguas S-O-V apresentaram uma preferência por Adjetivos-N primariamente e por Adjetivos-V (FERREIRA, 2016, p. 215).

Das relações entre ordens de constituintes e tipos de adjetivo, as línguas S-O-V apresentaram a menor preferência por um tipo específico: línguas S-V-O apresentaram em 50% dos casos Adjetivos-V, e V-O-S apresentaram os mesmos Adjetivos-N na totalidade dos casos. Em parte, portanto, o tipo de adjetivo encontrado nas línguas, parece estar relacionado à sintaxe da língua.

³ Em alguns casos isso parece ser possível, como no caso do adjetivo “genki” em expressões como “genki o dashite” (mas “genki na hito”). Mas, esse parece ser um caso excepcional, requerendo mais exemplos para poder ser considerado como sendo característica ou dessa classe ou de outra.

Isso explicaria apenas uma das classes de adjetivo, restando explicar a outra.

Todas as línguas encontradas que apresentaram mais de uma classe de adjetivo possuíam, entre as classes de adjetivo, uma classe de adjetivos-O. Isso pode se dever devido à pouca quantidade de línguas encontradas que apresentavam categorias múltiplas de adjetivo (foram poucas: Cavineña, na América do Sul; Japonês, na Ásia; Manange, também na Ásia; e Mani, na África).

TRANSFORMANDO PROBLEMAS EM EXPLICAÇÕES

Uma vez constatadas essas relações entre as classes lexicais e a gramática de uma língua e com outras classes lexicais, o próximo passo seria explicar o porquê de isso acontecer.

O padrão encontrado em Ferreira (2016, p. 215) que, sintaticamente, adjetivos tinham a tendência de apresentar características de substantivos (35%) ou de verbos (38%), mais do que apresentar características próprias (18%) ou mistas (9%).

Isso parece significar que verbos e substantivos são categorias básicas, e adjetivos (dentre outras classes lexicais) surgem gramaticalmente delas. Ou seja, seria um motivo a fim de ignorar a equivalência categórica das propostas analisadas anteriormente e ver as classes não como equivalentes, mas como fontes ou herdeiras de características gramaticais uma da outra. Adjetivos seriam, portanto, herdeiros de “categorias fonte” – no caso, substantivos e verbos. Uma terminologia que seja mais apurada, e que trate classes de palavras de forma mais uniforme,

Como isso acontece, entretanto, ainda é objeto de estudo, e merece a atenção de pesquisas futuras.

REFERÊNCIA

- ANWARD, J. A Dynamic Model of Part-of-Speech Differentiation. In: VOGEL, P. M.; COMRIE, B. **Approaches to the Typology of Word Classes**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 3-46.
- BACKHOUSE, A. E. Inflected and Uninflected Adjectives in Japanese. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. **Adjective Classes: A Cross-Linguistic Typology**. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 50-73.
- BAKER, M. C. **Lexical Categories: Verbs, Nouns, And Adjectives**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2004.
- CROFT, W. Parts of Speech as Language Universals and as Language-Particular Categories. In: VOGEL, P. M.; COMRIE, B. **Approaches to the Typology of Word Classes**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 64-102.
- DIXON, R. M. W. **Basic Linguist Theory**. Oxford, UK: Oxford University Press, v. 2: Grammatical Topics, 2010.
- EVANS, N.; LEVINSON, S. C. The Myth of Language Universals: Language Diversity and Its Importance for Cognitive Science. **Behavioral and Brain Sciences**, v. 32, p. 429-492, 2009.
- FERREIRA, M. V. D. L. **Classes Lexicais e Gramaticalização: Um Levantamento em Línguas Geneticamente Não-Relacionadas**. Brasília: Universidade de Brasília, 2016.
- FLECK, L. **La Génesis y el Desarrollo de un Hecho Científico**. Madrid: Alianza Editorial, 1986.
- GIL, D. Syntactic Categories, Cross-Linguistic Variation and Universal Grammar. In: VOGEL, M. P.; COMRIE, B. **Approaches to the Typology of Word Classes**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 173-216.
- HASPELMATH, M. Comparative Concepts and Descriptive Categories in Crosslinguistic Studies. **Language**, v. 86, n. 3, p. 663-687, set. 2010.
- HOWARD, D. A. Einstein's Philosophy of Science. **The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Winter 2015 Edition)**, 2015. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/win2015/entries/einstein-philsience/>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

PEIRCE, C. S. How to Make Our Ideas Clear. In: TALISSE, R. B.; AIKIN, S. F. **The Pragmatism Reader: From Peirce through the Present**. Princeton University Press. ed. Princeton, New Jersey: [s.n.], 2011. p. 50-65.

VOGEL, P. M.; COMRIE, B. **Approaches to the Typology of Word Classes**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.

WEISBERG, M.; NEEDHAM, P.; HENDRY, R. Philosophy of Chemistry. **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**, 2011. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/win2011/entries/chemistry/>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

WIERZBICKA, A. Lexical Prototypes as a Universal Basis for Cross-Linguistic Identification of "Parts of Speech". In: VOGEL, P. M.; COMRIE, B. **Approaches to the Typology of Word Classes**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 285-317.